

CRONICA MENSAL

O tratado de paz assinado entre a U. R. S. S. e a Finlândia teve extraordinárias repercussões em todo o mundo. Em que pode considerar-se, todavia, que as condições impostas à Finlândia, por virtude desse tratado, representam um fracasso para os países aliados? As explicações oficiais ou oficiosas, dadas pelos governos francês e britânico, não nos parecem objectivas até ao ponto de julgarmos que seria por causa desses «importantes segredos» (assim tão espalhados pelo rádio e pelas agências) que o parlamento francês se reuniu em sessão secreta.

Contudo, nesta guerra, os mais guardados segredos andam tão à superfície que não exigem grandes cuidados para que os descubramos. Logo a seguir à assinatura do tratado de

paz, grande efervescência política se manifestou em Londres e em Paris. «Conduzir a guerra com mais energia» tais as palavras insistentemente apregoadas e que não tardaram, sob a forma duma abstenção formidável no parlamento francês e duma insinuação calculada na moção de confiança (?) do senado, em fazer cair o governo Daladier. «Conduzir a guerra com mais energia», tal a bandeira que erguem em Londres os que combatem por uma remodelação do gabinetê. Mas Chamberlain e Daladier não conduziram, na verdade, a guerra com energia suficiente? E' verdade que não temos assistido, entre os aliados e a Alemanha, às grandes batalhas que previam romancistas e semi-técnicos. E' verdade que isso não obsta, ainda, a que Hitler ameace com uma guerra desse género e a que a propaganda contrária insinue, para esse caso, represálias tremendas e nunca vistas. A guerra na Polónia e na Finlândia mostrou que as verdadeiras batalhas produzem de facto destroços, mortos e feridos. «Conduzir a guerra com mais energia» significa ofensivas impetuosas, bombardeamentos em massa (sem serem de manifestos), vitórias e derrotas? Mas então a famosa guerra económica, o «terrível» bloqueio, já não desmantelam a Alemanha e a obrigam a vir de rastos pedir as condições de paz? E o tempo, esse general implacável, já não trabalha a favor dos aliados? Por seu lado o sr. Hitler, o arcanjo das ofensivas fulminantes, gostou tanto da sua jarda «fetiche» que não quer já que a guerra termine para não vestir outra?

Esta coisa da «frente interna» está a ser demasiadamente falada e tornou-se mesmo uma das obsecções dos governos em luta. A afirmativa persistente da união do povo francês, da unidade do império britânico e da disciplina do povo alemão, seria tão persistente se fôsse tão certa e natural que nem merecesse tanto barulho? Se em Munich se atenta contra a vida do «führer», se na Índia o Congresso reclama a independência nacional, se em Dublin as forças britânicas patrulham as ruas, se na União Sul-Africana as coisas não correm bem.—não é menos certo que em Paris não há completa tranquilidade. O mundo dá tantas voltas... que a gente não

sabe a importância real a atribuir a certos factores. Quem poderia, por exemplo, prever a queda do sr. Daladier? E a Itália, a «pacifista» Itália, que tanto se envaidecia com as amáveis referências dos políticos estrangeiros às tentativas suprémas do sr. Mussolini para evitar a guerra, porque se zanga agora tanto por a imprensa internacional andar sistematicamente a atribuir ao seu «duce» a mania das conferências de paz?

O sr. Chamberlain, o sr. Reynaud sabem bem os perigos de toda a ordem que uma guerra a sério lhes pode trazer. Sabem perfeitamente as consequências que trazem a desmoralização da retaguarda e a saturação bélica da vida prolongada das trincheiras. Além disso tanto a linha «Maginot» como a sua congénere são bem duras de tragar e pode bem acontecer que os soldados se cansem antes de atravessá-las. Asfixiar a Alemanha economicamente parece-lhes impossível. Mais de metade das fronteiras germânicas dão para regiões donde podem vir todos os produtos necessários.

Não poderia ter sido a Finlândia, nestas circunstâncias, um campo de batalha «ideal» para procurar uma decisão? Haveria só vantagens. O exército estaria longe e a população teria com ele o contacto único das reportagens «chauvinistas» controladas pelos estados-maiores. Os aliados colocando-se no campo duma cruzada anti-comunista reforçariam, pelo menos, a neutralidade italiana se não conseguissem mesmo fazer nascer na pátria do sr. Mussolini uma corrente de opinião favorável. A corrente aliadófila receberia nos Estados-Unidos um impulso que poderia ser decisivo. A Inglaterra integraria o actual conflito ainda mais fortemente na sua clássica política anti-soviética. O campo de batalha estaria longe e os estragos das granadas e dos combates não perturbariam os cidadãos que em França se dedicam pacificamente ao trabalho nos grandes aglomerados industriais ou nas minas e nos campos das regiões fronteiriças. A Grã-Bretanha afastaria para longe a ameaça dum ataque em massa das forças germânicas. Desta maneira poderiam as damas elegantes, nesta Primavera, mostrar os seus vestidos leves nas corridas de cavalos de Longchamp ou nas avenidas dos Campos-Elísios; a própria linha «Maginot» se poderia cobrir de flores e os «combatentes» da guarda do Reno, dedicar-se-iam, pela frescura das manhãs, a apanhar borboletas.

Parece, contudo, que a Suécia e a Noruega não estiveram dispostas a contribuir com a destruição das suas cidades e com a morte dos seus filhos, para o quadro chocante e enternecedor duma França e Inglaterra «vivendo com calma e disciplina as horas atrozes da guerra». «Que ótima ocasião perdida!», tal foi a exclamação que originou a frase:—«conduzir a guerra com mais energia!» E' certo que as notícias das agências apresentaram a questão como a vontade franco-britânica de castigar os agressores e impedir mais agressões. Mas se fôsse esse o caso porque não enviar também um corpo expedicionário a auxiliar a China? Porque não atender, segundo os próprios estatutos, às reclamações do sr. Wellington Koo na Sociedade das Nações? E' que na China os interesses são mais longínquos; e «conduzir a guerra com mais energia» é uma frase que nos faz pensar, singularmente, nos preparativos militares, não muito ortodoxamente «defensivos», que os aliados fazem no Próximo-Oriente.

ALBERTINO GOUVEIA

Síria de ontem e Síria de hoje

A Síria viu as suas dimensões extraordinariamente diminuídas quando se deu a partilha dos países árabes do Oriente. Em técnica científica, chamou-se a essa expansão aliada, imperialismo. Fracçou-se o país em pequenos estados independentes, obedecendo à metódica de dividir para vencer e empregando como razão principal a força. Na Síria, a imensa maioria dedica-se à agricultura. São

65 a 67 %, os habitantes dos campos. 20 % distribuem-se pelas cidades e 13 % são Beduínos, isto é, nómadas. Atinge a cifra de 84 % de analfabetos. As suas novas gerações empreenderam uma vastíssima obra de progresso e não desfalecem em a levar a cabo. Com o tratado franco-sírio de 9 de Setembro de 1936, as condições tornaram-se favoráveis, visto que este diploma se voltou contra as forças do tempo

da «partilha», pondo-se ao lado do desenvolvimento legítimo dos sírios. Por isso, logo aquelas entidades procuraram embargar os passos do pequeno país. Não obstante, em 1938, novas escolas se abriram pelas aldeias e entre as tribus nómadas. Criou-se uma escola normal e escolas profissionais. Dedicou-se especial atenção à formação dos novos técnicos que se prepararam para a exploração das suas fecundas

campinas. Enviaram-se jovens professoras ao estrangeiro. Em conclusão: a-pesar-da crise económica, o único orçamento que aumentou foi o da Instrução. Vieram dias peores para a Síria. Foi também vítima do choque das duas concepções da vida características da crise. Mas a nova Síria verá chegar a altura de aproveitar as suas riquezas, até ao máximo das suas possibilidades.